

UM OLHAR GEOCULTURAL SOBRE O LARGO DA RUA CHILE EM NATAL/RN

Lídia Gabriela Rodrigues de SOUZA (1); Silvana Florencio SILVA (2); Valdenildo Pedro da SILVA (3); Luis Felipe da Costa MEDEIROS (4)

- (1) IFRN, Endereço, e-mail: liidiagaby@gmail.com
(2) IFRN, Endereço, e-mail: silvana.sfs@gmail.com
(3) IFRN, Endereço, e-mail: valdenildo@cefetrn.br
(4) UFRN, Endereço, e-mail: luisfelipee@hotmail.com

RESUMO

Nos últimos anos a geografia cultural vem ampliando seus temas de estudo e a forma de releitura do espaço, proporcionando aos curiosos da geografia desbravar e ampliar as aplicações dos conceitos geográficos como paisagem, território, territorialidade e lugar, valorizando uma visão cultural do espaço. Com o surgimento desses novos temas da geografia cultural renovada é possível agora observar e estudar toda a heterogeneidade da cultura brasileira. Este trabalho tem a seguinte estrutura, os conceitos de espaço e lugar, como este espaço é observado, a identidade dos frequentadores com o largo da Rua Chile, que foi colhido por meio de entrevista, finalizando com as considerações finais. Para esta análise interpretativa da organização espacial do Largo da Rua Chile foi explorado ainda conceitos como o de lugar, desenvolvido por Tuan (1983); assim como o conceito de paisagem alternativa excluída, abordado por Cosgrove (1998). Tais conceitos e noções serão detalhados no decorrer deste trabalho, de forma que constituirão a base de construção de uma leitura geocultural do espaço, que compreende o Largo da Rua Chile. Por fim, pretende contribuir para outro olhar geográfico, com o objetivo maior de demonstrar toda essa diversidade cultural que existe na cidade, que muitas vezes passa despercebida, e que o largo com suas diferentes culturas materializadas em seus barzinhos, teatro e seus frequentadores assíduos. E que seja apenas um pontapé inicial para novas pesquisas, a fim desvendar espaços históricos do gênero, com suas atividades alternativas e valorize essa revitalização que vem acontecendo.

Palavras-chave: Rua Chile, Ribeira, Espaço alternativo

1 INTRODUÇÃO

A geografia cultural vem no curso dos últimos anos ampliando seus temas de estudo e a forma de releitura do espaço, proporcionando aos curiosos da geografia desvendar e ampliar as aplicações de conceitos geográficos como os de paisagem, território, territorialidade e lugar, privilegiando uma visão cultural do espaço. Com o surgimento desses novos temas da geografia cultural renovada é possível agora observar e estudar toda a heterogeneidade da cultura brasileira. Neste trabalho o espaço de estudo é o largo da Rua Chile, que tem uma representativa para um público específico de Natal, os frequentadores assíduos dos eventos que ocorrem neste espaço são facilmente percebidos. Publico este que vai à busca de liberdade e boa música, dias que ouvem um bom chorinho e outros rock. Nesse sentido este artigo tem como objetivo entender a dimensão cultural do Largo da Rua Chile – Ribeira, Natal/RN, na perspectiva de uma leitura geocultural. Espaço rico em símbolos e significados, pois é parte da área antiga central, que está em processo de revitalização, tem vivenciado sucessivos arranjos e re-arranjos espaciais, proporcionando ao lugar características únicas que o diferenciam dos demais espaços de festa da cidade. O presente trabalho visa também contribuir para a melhor compreensão sobre o conceito do espaço público. Para tal, apresentamos dois estudos que contêm elementos que contribuirão para a compreensão dos processos de produção de significados sobre o espaço urbano, que será baseado na ida ao espaço em estudo a fim de observar a importância e o significado que o largo tem para seus frequentadores e pesquisa bibliográfica, a fim de fundamentar o estudo. Sobre o caráter simbólico da cultura popular em sua manifestação por meio do rock, musica alternativa e o espaço público, que é espalhado nos barzinhos e clubes presentes no espaço. O artigo segue com a seguinte estrutura, conceitos de espaço e lugar, cidade, festa e identidade para os frequentadores do largo da Rua Chile e as considerações finais. Para esta análise interpretativa da organização espacial do Largo da Rua Chile foi explorado ainda conceitos como o de lugar, desenvolvido por Tuan (1983); assim como o conceito de paisagem alternativa excluída, abordado por Cosgrove (1998). Tais conceitos e noções

serão detalhados a seguir e constituirá a base de construção de uma leitura geocultural do espaço, que compreende o Largo da Rua Chile, que é parte da história da capital potiguar, localizada no primeiro bairro de Natal, a Ribeira, que ainda é marcada pela estrutura de sua arquitetura, o desgaste de suas ruas, becos e até linha do bonde, que apesar de muito antiga e não funcionar mais se manteve como marco histórico-geográfico de uma época em que a área era o centro do desenvolvimento de Natal.

2 ESPAÇO E LUGAR

Era na Ribeira que se encontravam os maiores centros de comércio por causa da proximidade com o Porto Naval, o primeiro cais da cidade e uma das principais vias de Natal no início do século XIX. Dentro desse contexto de centro comercial a Rua Chile se destacava por abrigar a maior parte dos mercados e construções, onde a partir de 1850 foram erguidos prédios de pedra e cal, na sua maioria armazéns, destinados ao recebimento de algodão, açúcar e peixe seco, que hoje se encontram dentro da Zona Especial de Preservação Histórica, visando à preservação de prédios e sítios notáveis pelos valores históricos, arquitetônicos, culturais e paisagísticos, baseadas na lei n.º 3.942 de 09 de julho de 1990. Atualmente pode-se dividir a Rua Chile em duas partes tem-se o início dela, com a maioria dos prédios mais antigos desgastados, deteriorados, tanto pela ação antrópica quanto pelos desgastes naturais ao longo de tempo. E a parte final da Rua, sendo o cenário dos maiores acontecimentos culturais da cidade, é lá que se encontra o Largo da Rua Chile, local conhecido por abrigar casas noturnas, bares e boates, caracterizando o espaço de manifestações diversas da cultura brasileira e potiguar, considerando o espaço, sob o olhar de Santos (2006, p. 12), como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”. Considerando o espaço do Largo da Rua Chile como o palco para a representação de culturas destacamos a cultura do Rock, a música alternativa e os símbolos que adicionam significados e definem o seu território. Na geografia humana o conceito de lugar passa a ser chave, Para Tuan (1983, p. 14),

“(…) é uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar, isto quer dizer que o lugar é um mundo de significado organizado.”

Nesse sentido, como já foram apontados neste trabalho a Ribeira com os seus cheiros e cores, repletos de monumentos e de uma explosão cultural. Para Ferreira (2000), o lugar seria um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade, associando-se, desta forma, ao conceito de lar. Assim como para os indivíduos que semanalmente frequentam o largo e toda a diversidade pertencente ao lugar. O lugar torna-se realidade a partir da nossa familiaridade com o espaço, não necessitando ser definido através de uma imagem precisa, limitada. Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar. Já pelo conceito de paisagem desenvolvido por Cosgrove (1998, p.112), também considera a paisagem da cultura dominante e a paisagem alternativa. Sendo a primeira aquela através da qual o grupo dominante tem o seu poder:

“(…) sustentado e reproduzido, em grande medida, pela sua capacidade de projetar e comunicar (...) e para todos os outros grupos, uma imagem de seu mundo, consoante com a sua própria experiência, e ter aquela imagem aceita como reflexo verdadeiro da realidade de todos.”

O segundo tipo é constituído por “paisagens alternativas”, criadas por grupos não dominantes e que, por isso mesmo, apresenta menor visibilidade. Assim como podemos apontar o grupo participante do espaço em estudo. Identificados três subtipos, dos quais enfatizamos dois, as “paisagens residuais”, cujo interesse está no fato de permitirem a reconstrução da geografia do passado, a arquitetura da Ribeira, que hoje passa por todo o processo de revitalização, mas ainda possui marcas de um passado tão importante, e as “paisagens excluídas” associadas às minorias e aos grupos pouco integrados como os ciganos e minorias raciais e religiosas, ricas de símbolos e significados para o grupo excluído (Corrêa, 1997). Neste caso, após entrevistas com os frequentadores assíduos, quando se pergunta que tipo de pessoa frequenta o lugar a resposta é unânime, pessoas de calça jeans, “all star” nos pés e camiseta, que curtem o rock ou sons alternativos de uma cultura mais transgressora, que são pessoas críticas, pensantes, que vêm naquele largo à representação do mundo na visão deles. Após entrevistar alguns de seus frequentadores assíduos, podemos observar qual é o significado do lugar, informaram que é como encontrar o velho e o novo ao mesmo tempo, que a Rua Chile já é simpática pela sua história e patrimônios, frequentados por pessoas que gostam de um som mais alternativo, de uma cultura mais transgressora e quando se chega ao Largo as pessoas se sentem mais desprendidas de responsabilidade, é o ponto de encontro daqueles que partilham de ideologias parecidas sejam roqueiros ou não o significado é digamos assim “caseiro” para muitas pessoas. Ao se pedir que defina o largo em uma palavra, podemos ouvir de tudo, para os mais assíduos, que é indispensável, para outros a lembrança da adolescência e para muitos que é uma mescla de diferentes pontos de vista e vivências.

3 CIDADE, FESTA E IDENTIDADE

Para Bezerra (2008, p. 8), no Brasil, boa parte dos registros existentes sobre a festa traz consigo o cenário urbano, onde os espaços públicos, a exemplo da rua e da praça, se colocam como os locais privilegiados das festividades. O que nos leva a pensar que a festa é uma produção social que pode gerar vários significados. Para Guarinello (2001, p.972), é precisamente, a produção de uma determinada identidade, que nesse sentido argumenta:

“A festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.”

Segundo Isnard (1982), o espaço geográfico é também um campo de representações simbólicas, rico em signos que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais em suas mais diversas dimensões. De acordo esse autor, o simbolismo traduz “em sinais visíveis não só o projeto vital de toda a sociedade, substituir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura”.

Para Correa (1995, p. 18), com base no fator de ser o Brasil um país culturalmente heterogêneo, indicam-se alguns temas para investigação, na crença de que é necessário aos geógrafos ampliarem a sua contribuição para a compreensão da sociedade brasileira através das diversas facetas da cultura em suas dimensões espaciais. Nas primeiras luzes da manhã, o Largo é um local sossegado, com pouco movimento, que em seguida como a batida do rock o som do trânsito se confunde ao som dos pedestres que passam para trabalhar em seu centro comercial próximo. No decorrer do dia, podemos sentir a brisa vinda do Rio Potengi próximo ao largo e o barulho do cais. No anoitecer para cada dia uma atração, desde festas no “dosol rock bar”, no “galpão 29”, no “chorinho”, ou mesmo na “casa da ribeira” e suas peças teatrais. E é neste momento do anoitecer que o espaço do Largo inicia sua (re) criação de territorialidade. Um povo *underground*, que busca neste espaço um novo modo de ouvir música, de se vestir e faz a sua moda, com os seus velhos, tênis, calça jeans e camiseta para aproveitar um festival de rock local, ou seus vestidos hippes para aproveitar um chorinho na sexta-feira. Enfim, um espaço delimitado pelo público alvo freqüentador do lugar. “O usuário confundisse com o próprio espaço de que se apropria, fazendo dele uma espécie de palco/platéia, onde é ao mesmo tempo ator e espectador” (Costa *apud* Carvalho, 1997, p.36).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Largo da Rua Chile é também espaço social e espaço cultural, além de ter uma beleza histórica. Esta pesquisa buscou contribuir para outro olhar geográfico, a fim de que se mantenha o projeto de revitalização e valorização daquele território que é palco de uma parte da sociedade alternativa de Natal/RN. E todas as atividades exercidas no lugar, largo da Rua Chile desde os adolescentes, jovens, adultos e idosos que passeiam e buscam uma música específica ou atividade como já foi elencado no decorrer deste artigo suscitaram a leitura espacial proposta dos significados, simbolismo e importância. A Rua Chile, é também espaço social e espaço cultural. E está associado tanto à função social, quanto à função simbólica, quando os seus freqüentadores buscam a descontração assim como a festa nos leva a momentos de falta de compromisso. Por fim este trabalho pretende contribuir para outro olhar geográfico, com o objetivo maior de demonstrar toda essa diversidade cultural que existe na cidade, que muitas vezes passa despercebida, e que o largo com suas diferentes culturas materializadas em seus barzinhos, teatro e seus freqüentadores assíduos. E que seja apenas um pontapé inicial para novas pesquisas, a fim desvendar espaços históricos do gênero, com suas atividades alternativas e valorize essa revitalização que vem acontecendo.

REFERENCIAS

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. In: **Revista Espaço e Cultura**, UERJ. Rio de Janeiro, 23, p. 7-18, JAN./JUN. DE 2008.

BRASIL. Lei nº 3.942, de 09 de julho de 1990. Institui a Zona Especial de Preservação Histórica, alterando o zoneamento de uso do solo, definido na Lei nº 3.175. Instrumentos de ordenamento urbano – Natal 2009, p. 486-490.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **Os espetáculos de Rua do Largo da Carioca**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Rio de Janeiro, UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato; MELLO, João Baptista Ferreira. Explosões e estilhaços de centralidades no Rio de Janeiro. In: **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro ano 1, nº 1, p.23-43, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.345p. p.288-299.

COSGROVE, Denis. **A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. 123p. p.92-123.

FERREIRA, L. F. **Acepções Recentes do Conceito de Lugar e sua Importância para o Mundo Contemporâneo**. Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, nº 9, Jul/Dez de 2000.

GUARINELLO, N. L. **Festa, trabalho e cotidiano**. In: JANCSÓ, I & KANTOR, I (orgs). Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001. Volume II.

ISNARD, Hildebert. **O espaço geográfico**. Coimbra, Almedina, 1982.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.